



## CATEQUISTAS E BÍBLIA: O QUE DIZER SOBRE ESSA RELAÇÃO?

Daniela Cristina Gonçalves de Araújo  
Mestranda em Educação pelo Instituto Federal de Goiás  
[danimmjal@gmail.com](mailto:danimmjal@gmail.com)

Pe. Maximiliano Gonçalves da Costa  
Doutor em Educação pela Universidade Federal de Goiás  
Professor de História da Igreja da Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
[padremaxcosta@gmail.com](mailto:padremaxcosta@gmail.com)

**Resumo:** O catequista como parte integrante da catequese é aquele que primeiro deve se alimentar da Palavra. É na Palavra de Deus que a catequese encontra a fonte necessária para transmissão da mensagem de Cristo (Diretório da Catequese, 1998, n. 91). A Sagrada Escritura, portanto, configura-se como fonte vital para o desenvolvimento da fé. Nessa dinâmica, o catequista emerge como elo crucial, conectando a Bíblia à prática catequética através de seu conhecimento e vivência. Em vista disso, é fundamental compreender como se apresenta a relação do catequista com a Palavra e com a Catequese. Para perceber a realidade da Catequese na Arquidiocese de Goiânia e planejar a implantação da Iniciação à Vida Cristã como metodologia referencial foi realizado um Censo Catequético com Padres, Coordenadores de Catequese, Catequistas, Pais e Catequizandos. Com foco no objetivo da presente comunicação a ser apresentada presencialmente, foi realizada a análise das perguntas referentes a relação dos Catequistas com a Bíblia. Sob uma perspectiva dialética da práxis, que almeja a transformação individual e social, questionou-se se a relação atual do catequista com a Bíblia promove uma emancipação no processo evangelizador. Após a análise dos dados, obtidos por meio dos questionários, realizados pela plataforma Survey Monkey, concluiu-se que não. Apesar de parte dos catequistas afirmarem utilizar a Bíblia no encontro, o modo como utilizam não tem favorecido o processo de evangelização. Para efetivar uma catequese de inspiração catecumenal, torna-se imprescindível que o catequista estabeleça com a Palavra uma relação íntima, profunda e testemunhal, reconhecendo-a como eixo central da experiência de fé.

**Palavras-chaves:** Catequese. Bíblia. Catequista. Evangelização. Fé.

**Abstract:** The catechist as an integral part of catechesis is the one who must first be nourished by the Word. It's in the Word of God that catechesis finds the necessary source for the transmission of Christ's message (DC, 1998, n. 91, p.75). Sacred Scripture, therefore, is a vital source for faith development. In this dynamic, the catechist emerges as a crucial link, connecting the Bible to catechetical practice through his knowledge and experience. In view of this, it's essential to understand how the relationship of the catechist with the Word and with Catechesis is presented. To demonstrate the reality of Catechesis in Goiânia Archdiocese and to plan the implementation of Christian Life Initiation as a referential methodology, a Catechetical Census was carried out with Priests, Catechesis Coordinators, Catechists, Parents and Catechists. The objective here is to present, the analysis of the questions regarding the relationship of Catechists with the Bible was carried out. From a praxis dialectical perspective, which aims at individual and social transformation, it was questioned whether the current relationship of the catechist with the Bible promotes emancipation in evangelizing process. The data through the questionnaires from the Survey Monkey platform, was analyzed. Although some catechists claim to use the Bible in the meeting, the way they use it hasn't favored the process of evangelization. In order to carry out a catechesis of catechumenal inspiration, it's essential that the catechist establish an intimate, profound and testimonial relationship with the Word, recognizing it as the central axis of faith experience.

**Keywords:** Catechesis. Bible. Catechist. Evangelization. Faith.





## Introdução

A fé cristã se fundamenta em uma relação viva e pessoal com Deus, mediada por meios oferecidos pela própria prática eclesial, como a Sagrada Escritura, a catequese, os sacramentos, a vida comunitária, entre outros. “No início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo” (Bento XVI, 2006, n. 218).

Contudo, há um risco constante de transformar esses meios em fins, obscurecendo seu sentido original de condução à comunhão divina. Este artigo propõe refletir sobre a Bíblia e a catequese, de modo mais específico sobre a relação dos catequistas com a Bíblia, como mediações para a experiência com Deus, apontando os desafios pastorais que emergem quando tais instrumentos perdem sua finalidade relacional. Ambas são mediações essenciais para o encontro com Deus, mas carregam o risco de se tornarem fins em si mesmas ou, até mesmo, obstáculos à relação, se não forem corretamente compreendidas e vivenciadas.

Como garantir que a Bíblia e a catequese cumpram seu papel de conduzir à comunhão com Deus, superando a tendência de se tornarem sistemas rígidos ou apenas acúmulo de informações? Parte desse desafio está diretamente relacionado com aquele que, na missão de evangelização, torna-se o responsável em promover ou pelo menos estimular a experiência vivida a partir da Palavra.

Nesse sentido, como parte de um processo iniciado na Arquidiocese de Goiânia, que buscou mapear o caminho catequético desenvolvido nas paróquias integrantes e, além disso, estabelecer um diálogo sobre a Iniciação à Vida Cristã como metodologia referencial – cuja definição proporcionará unidade à ação evangelizadora arquidiocesana –, foi realizado um Censo Catequético envolvendo o clero, os coordenadores de catequese, os catequistas, os pais e/ou responsáveis e os catequizandos.

A discussão deste artigo fundamentou-se na análise das respostas dos catequistas acerca da Bíblia, com o intuito de compreender a relação desse sujeito com a Palavra de Deus. Para iluminar as análises, apresentamos alguns eixos temáticos que abordam, inicialmente, a relação entre Catequese e Bíblia: A mediação de Jesus e a superação do formalismo religioso; A Teologia Joanina da Permanência e da Comunhão; A Caminhada dos Discípulos de Emaús como Modelo de Mediação Relacional; Os Riscos da Redução da Fé à Doutrina e à Normatividade; A Urgência de uma Catequese Mistagógica e Experiencial.





## 1 A mediação de Jesus e a superação do formalismo religioso

Deus se revela e se comunica por meio de mediações na história da salvação. A encarnação do Verbo, em Jesus Cristo, foi a suprema mediação de Deus com a humanidade. “No princípio já existia o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus (...) e o Verbo se fez carne” (Jo 1,1.14). Este trecho do Prólogo de João remete às primeiras palavras do Gênesis e visa não somente ao começo do tempo do mundo, mas ao princípio absoluto. O Verbo existe de modo supereminente e eterno. A encarnação do Verbo consiste na sua existência na condição humana. Este acontecimento constitui o momento decisivo da história da salvação.

Aprouve a Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a Si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade (cfr. Ef. 1,9), segundo o qual os homens, por meio de Cristo, Verbo encarnado, têm acesso ao Pai no Espírito Santo e se tornam participantes da natureza divina (cfr. Ef. 2,18; 2 Ped. 1,4). Em virtude desta revelação, Deus invisível (cfr. Col. 1,15; 1 Tim. 1,17), na riqueza do seu amor fala aos homens como amigos (cfr. Ex. 33, 11; Jo. 15,14.15) e convive com eles (cfr. Bar. 3,38), para os convidar e admitir à comunhão com Ele. Esta “economia” da revelação realiza-se por meio de ações e palavras intimamente relacionadas entre si, de tal maneira que as obras, realizadas por Deus na história da salvação, manifestam e confirmam a doutrina e as realidades significadas pelas palavras; e as palavras, por sua vez, declaram as obras e esclarecem o mistério nelas contido. Porém, a verdade profunda tanto a respeito de Deus como a respeito da salvação dos homens, manifesta-se-nos, por esta revelação, em Cristo, que é, simultaneamente, o mediador e a plenitude de toda a revelação (Bento XVI, 2010, n. 2).

A Revelação Divina é um ato de amor de Deus que visa a comunhão com a humanidade, tendo *Jesus Cristo como seu centro*. Essa Revelação se desenrola através de uma intrínseca união entre as ações salvíficas de Deus na história e as palavras que as interpretam e aprofundam.

No centro da revelação divina está o acontecimento de Cristo, é preciso reconhecer que a própria criação, o *liber naturae*, constitui também essencialmente parte desta sinfonia a diversas vozes na qual Se exprime o único Verbo. Do mesmo modo confessamos que Deus comunicou a sua Palavra na história da salvação, fez ouvir a sua voz; com a força do seu Espírito, «falou pelos profetas». Por conseguinte, a Palavra divina exprime-se ao longo de toda a história da salvação e tem a sua plenitude no mistério da encarnação, morte e ressurreição do Filho de Deus. E Palavra de Deus é ainda aquela pregada pelos Apóstolos, em obediência ao mandato de Jesus Ressuscitado: “Ide pelo mundo inteiro e anunciai a Boa Nova a toda a criatura” (Mc 16, 15). Assim a Palavra de Deus é transmitida na Tradição viva da Igreja. Enfim, é Palavra de Deus, atestada e divinamente inspirada, a





Sagrada Escritura, Antigo e Novo Testamento. Tudo isto nos faz compreender por que motivo, na Igreja, veneramos extremamente as Sagradas Escrituras, apesar da fé cristã não ser uma «religião do Livro»: o cristianismo é a «religião da Palavra de Deus», não de «uma palavra escrita e muda, mas do Verbo encarnado e vivo» (Bento XVI, 2010, n. 7, grifo nosso).

A Palavra encarnada, Jesus, rompeu com os esquemas rígidos do judaísmo legalista, que havia transformado a Torá em obstáculo à relação com Deus. Os fariseus, escribas e mestres da Lei, ao se considerarem os verdadeiros intérpretes das Escrituras, assumiram uma autoridade superior à própria Palavra, perdendo a dimensão relacional que esta deveria promover (cf. Mc 7,1-23). Como ilustra o episódio da mulher adúltera (Jo 8,1-11), a interpretação legalista da Lei transformou a Palavra em instrumento de condenação: a mesma Palavra que deveria gerar vida tornou-se, por uma hermenêutica distorcida, pedra de apedrejamento. Em contraste, Jesus revela o rosto misericordioso de Deus, restaurando a comunhão e libertando do jugo da condenação.

### 1.1 A Teologia Joanina da Permanência e da Comunhão

O Evangelho de João é rico em expressões que evidenciam a natureza relacional da fé cristã. O verbo “permanecer” (gr. μένειν-menein) expressa a estabilidade de uma comunhão contínua entre o discípulo e Jesus. “Permanecei no meu amor” (Jo 15,9-10) é convite à fidelidade relacional, não à mera obediência normativa. Expressa a estabilidade dos dons da salvação dados por Cristo Jesus a todos os que creem. Desde modo, o permanecer é o amor esponsal, um estado permanente do cristão que através de Jesus conhece o Pai e permanece neste amor. Cabe ao crente a capacidade de ater-se, firme e ativamente, a esse amor pela via da Palavra, dos Sacramentos e da Caridade, pois a nossa vocação é “permanecer” no Senhor.

Guardar os mandamentos, no contexto joanino, não significa apegar-se a um sistema de regras em chave legalista, mas sim um modo de cultivar a presença viva de Cristo em cada cristão, isto é um estado permanente de comunhão com Deus. “Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada” (Jo 14, 23).

Uma das grandes dificuldades na vivência da fé está justamente em lidar adequadamente com as mediações que nos conduzem à relação com Deus. Frequentemente, acabamos absolutizando essas mediações, como a catequese, a doutrina ou mesmo a Escritura, esquecendo que sua finalidade é nos conduzir ao próprio Deus. Assim, a mediação se torna o ápice, e o mistério divino é deixado de lado. É preciso se atentar,





A revelação é de iniciativa divina; a nós compete a resposta da fé, adesão livre e obediente à “Boa-Nova da graça de Deus” (cf. Fl 2,16; 1Ts 2,8; At 15,26; At 20,24), com pleno assentimento da vontade e da inteligência. Guiados pela fé, dom do Espírito Santo, chegamos a contemplar e experimentar, na consciência, na liturgia e na vida, o Deus de amor, revelado em Cristo Jesus (Diretório Nacional de Catequese, 1998, n. 28).

## 1.2 A caminhada dos discípulos de Emaús como modelo de mediação relacional

O relato dos discípulos de Emaús (Lc 24,13-35) revela a função pedagógica da Palavra que tem como finalidade conduzir a uma relação interpessoal de íntima comunhão, comunhão tão elevada, que se torna presença visível, palpável e partilhável.

Jesus interpreta as Escrituras, despertando o coração dos discípulos e conduzindo-os à comunhão no partir do pão. A mediação bíblica culmina na experiência da presença real de Cristo, reconhecido no gesto eucarístico. Tal narrativa evidencia que a verdadeira função da Palavra é gerar comunhão, não apenas transmitir doutrina, conteúdo. Hoje temos uma dificuldade metodológica, pois separamos a relação, e ficamos na doutrina, na norma e não avançamos, à plena comunhão de vida.

A narração de Lucas sobre os discípulos de Emaús permite-nos uma reflexão subsequente acerca do vínculo entre a escuta da Palavra e a fração do pão (cf. Lc 24, 13-35). Jesus foi ter com eles no dia depois do sábado, escutou as expressões da sua esperança desiludida e, acompanhando-os ao longo do caminho, “explicou-lhes, em todas as Escrituras, tudo o que Lhe dizia respeito” (24, 27). Juntamente com este viajante que inesperadamente se manifesta tão familiar às suas vidas, os dois discípulos começam a ver as Escrituras de um novo modo. O que acontecera naqueles dias já não aparece como um fracasso, mas cumprimento e novo início. Todavia, mesmo estas palavras não parecem ainda suficientes para os dois discípulos. O *Evangelho de Lucas* diz que “abriram-se-lhes os olhos e reconheceram-No” (24, 31) somente quando Jesus tomou o pão, abençoou-o, partiu-o e lho deu; antes, “os seus olhos estavam impedidos de O reconhecerem” (24, 16). A presença de Jesus, primeiro com as palavras e depois com o gesto de partir o pão, tornou possível aos discípulos reconhecê-Lo e apreciar de modo novo tudo o que tinham vivido anteriormente com Ele: “Não estava o nosso coração a arder cá dentro, quando Ele nos explicava as Escrituras?” (24, 32) (Bento XVI, 2010, n. 54).

Atualmente, investimos grande esforço nas mediações da fé, como a catequese, a liturgia, a doutrina e os sacramentos, mas nem sempre adentramos plenamente no mistério relacional que essas mediações devem suscitar: a comunhão e a experiência de vida com o Senhor. O episódio dos discípulos de Emaús (Lc 24,13-35) oferece uma poderosa ilustração





dessa dinâmica. À medida que a noite se aproximava, os discípulos suplicam: “Fica conosco, pois já é tarde”. Este pedido revela mais do que hospitalidade — é um gesto de abertura à relação profunda, de acolhimento da presença do Ressuscitado.

Sentar-se à mesa e partilhar o pão é, naquele contexto, o símbolo máximo da intimidade e da comunhão com Jesus. Quando Ele parte o pão, os olhos dos discípulos se abrem, e O reconhecem. Paradoxalmente, nesse momento, Jesus desaparece de sua vista, pois a relação foi plenamente estabelecida — a visibilidade física já não é mais necessária. A presença d'Aquele que permanece agora é reconhecida no interior da relação e da fé. Mesmo que Ele não esteja fisicamente visível, Ele permanece presente, pois a comunhão foi efetivamente instaurada.

## **2 Os riscos da redução da fé à doutrina e à normatividade**

Na prática pastoral atual, observa-se um risco crescente de dissociação entre a formação doutrinal e a experiência relacional com Deus. Muitas vezes, a catequese se limita à preparação para os sacramentos, marcada por uma abordagem doutrinária e moralista. Consequentemente, catequizandos podem desenvolver um vínculo com a tradição religiosa, os costumes ou as expectativas familiares, mas não com o próprio Deus. A mediação se converte enfim, impedindo o acesso ao Mistério.

### **2.1 A Urgência de uma Catequese Mistagógica e Experiencial**

A catequese e a leitura bíblica devem ser compreendidas como caminhos para o encontro pessoal com Deus. Como mediações, elas devem favorecer a escuta, a contemplação, a partilha e a vida em comunhão. Uma catequese mistagógica — que conduz ao mistério — é fundamental para que os fiéis possam experimentar a presença de Deus na simplicidade dos sacramentos, na comunidade eclesial e na Palavra proclamada.

Muitas pessoas, ao iniciarem um caminho de aprofundamento intelectual da fé, acabam por perder a sensibilidade para a contemplação mística e espiritual da presença de Jesus, especialmente na singeleza dos sacramentos — com destaque para a Eucaristia — e na fragilidade de pequenas comunidades compostas por pessoas humanas e limitadas. O risco é que esse percurso se reduza a uma acumulação de conhecimento — uma *gnose* — desvinculada da experiência viva com o Senhor.





Tanto a Bíblia quanto a Catequese deveriam nos conduzir a uma relação íntima, profunda e pessoal com o Deus Uno e Trino.

O cristocentrismo da catequese, em virtude da sua dinâmica interna, conduz à confissão da fé em Deus: Pai, Filho e Espírito Santo. É um cristocentrismo essencialmente trinitário. Os cristãos, no Batismo, são configurados a Cristo, “Um da Trindade”, e esta configuração põe os batizados, “filhos no Filho”, em comunhão com o Pai e com o Espírito Santo. Por isso, a sua fé é radicalmente trinitária. “O mistério da Santíssima Trindade é o mistério central da fé e da vida cristã” (Diretório Geral para a Catequese, 1998, n. 99).

No entanto, enfrentamos hoje uma dificuldade significativa em reconhecer e utilizar esses meios como verdadeiras mediações para um encontro existencial com Deus. A catequese, por exemplo, corre o risco de se tornar um mero instrumento de doutrinação, perdendo sua essência evangelizadora e sua capacidade de gerar vida espiritual. Muitos catequizandos acabam desenvolvendo uma relação apenas com a tradição religiosa, com os costumes familiares ou com os padrões socioculturais que os motivam a buscar os sacramentos, mas não chegam a estabelecer uma relação autêntica com o Senhor.

Catequizar é, de certa maneira, levar alguém a perscrutar o “Mistério de Cristo” em todas as suas dimensões: “expor à luz, diante de todos, qual seja a disposição divina, o Mistério ... Compreender, com todos os santos, qual seja a largura, o comprimento, a altura e a profundidade ... conhecer a caridade de Cristo, que ultrapassa qualquer conhecimento... (e entrar em) toda a plenitude de Deus”. Quer dizer: é procurar desvendar na Pessoa de Cristo todo o desígnio eterno de Deus que nela se realiza. E procurar compreender o significado dos gestos e das palavras de Cristo e dos sinais por Ele realizados, pois eles ocultam e revelam ao mesmo tempo o seu Mistério. Neste sentido, a finalidade definitiva da catequese é a de fazer que alguém se ponha, não apenas em contacto, mas em comunhão, em intimidade com Jesus Cristo: somente Ele pode levar ao amor do Pai no Espírito e fazer-nos participar na vida da Santíssima Trindade (João Paulo II, 2024, n. 5).

O desafio está, talvez, no fato de que frequentemente nos detemos na mediação, sem avançar até a experiência da presença divina que ela deveria facilitar. A mediação, assim, deixa de ser ponte e se torna barreira, estabelecendo um vínculo que permanece centrado no sujeito, “eu comigo mesmo”, e não em Deus.

Por isso, é essencial compreender que a Bíblia e a Catequese não são fins em si mesmas, mas mediações para os múltiplos modos de presença de Deus em nossa vida. Muitas vezes, nos prendemos às discussões sobre a natureza da mediação ou à disputa interpretativa





de seus conteúdos, sem nos abirmos verdadeiramente ao mistério último da fé: o próprio Deus, que se revela em uma dinâmica relacional e amorosa com a humanidade.

### 3 Os Catequistas e a relação com a Bíblia

Diante da relação apresentada anteriormente entre a Bíblia e a Catequese, instigou-se a compreensão da relação que o catequista da Arquidiocese de Goiânia apresentou por meio das respostas ao questionário do Censo Catequético realizado no ano de 2024, entre os meses de fevereiro e abril.

No âmbito de situar o cenário no qual esse catequista se encontra, faz-se necessário apresentar a estrutura da Arquidiocese. Criada pelo Santo Padre Pio XII, em 26 de março de 1956, pelo documento pontifício (bula) *Sanctissima Christi Voluntas* e passando por diversas mudanças ao longo dos anos, a Arquidiocese de Goiânia, hoje, organiza-se em dois modos de Vicariatos, primeiro modo Territorial e segundo modo Ambiental. O Vicariato Ambiental é formado pelos Vicariatos da Evangelização; Solidariedade; e, Cultura e Educação. Já o Vicariato Territorial, criado com o objetivo de descentralizar a Arquidiocese de Goiânia e garantir maior autonomia às áreas pastorais, especialmente em razão de sua dimensão, é dividido em cinco Vicariatos Episcopais Territoriais como instâncias de serviço e representação das comunidades, sendo eles, Nossa Senhora Auxiliadora, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora da Abadia e Nossa Senhora da Piedade. Encontram-se nessas realidades, desde paróquias muito centralizadas na região metropolitana de Goiânia, paróquias periféricas e ainda, paróquias pertencentes a zona rural.

Como forma de conhecer essa realidade para dar os primeiros passos rumo a Iniciação à Vida Cristã, foram desenvolvidas três ações, o Encontro com Livretos, cujo objetivo foi trazer o diálogo a respeito da evangelização e conhecer a realidade das paróquias a partir da própria comunidade (pastorais e movimentos); o Censo Catequético, já apresentado anteriormente; e finalizando com a Assembleia de Iniciação à Vida Cristã, com representantes de cada paróquia, instituições, dioceses vizinhas e outros.

Mediante a todo esse processo, tomando por base a perspectiva dialética, onde o sujeito é analisado em todos os seus movimentos, em sua história, em sua totalidade e transformação de sua realidade aliada ao pressuposto de que a Catequese é um espaço privilegiado de encontro com o Mistério Divino experimentado na Palavra, a relação do catequista com a Bíblia é também fonte de evangelização, uma vez que nessa relação se

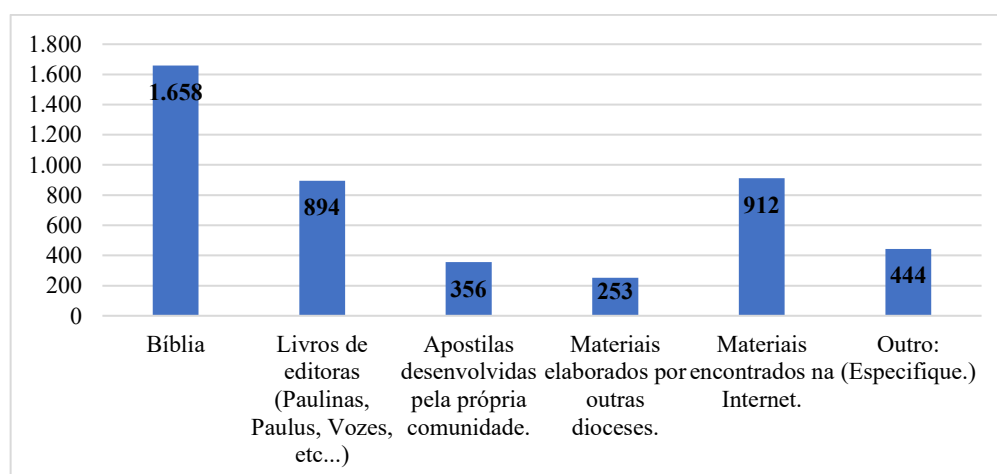




encontra o testemunho vivo de Cristo que ao ser conhecido e experimentado traz vida nova e convence a todos ao seu redor de que esse é o verdadeiro caminho. A centralidade da Bíblia na Catequese é imprescindível para que o encontro com o Mistério Divino transforme a realidade dos que buscam conhecer e viver a fé católica. Sendo assim, como os catequistas se colocam nessa relação?

O questionário direcionado aos catequistas totalizou um número de 40 perguntas de ordem objetiva e subjetiva. Houve a participação de 1.917 participantes, o que não reflete o total de catequistas da Arquidiocese, mas que de todo modo, representou um número expressivo. No que tange a relação com a Bíblia foram realizadas três perguntas objetivas, apresentadas nos gráficos a seguir.

Gráfico 1: Você utiliza algum material específico na Catequese da Paróquia?



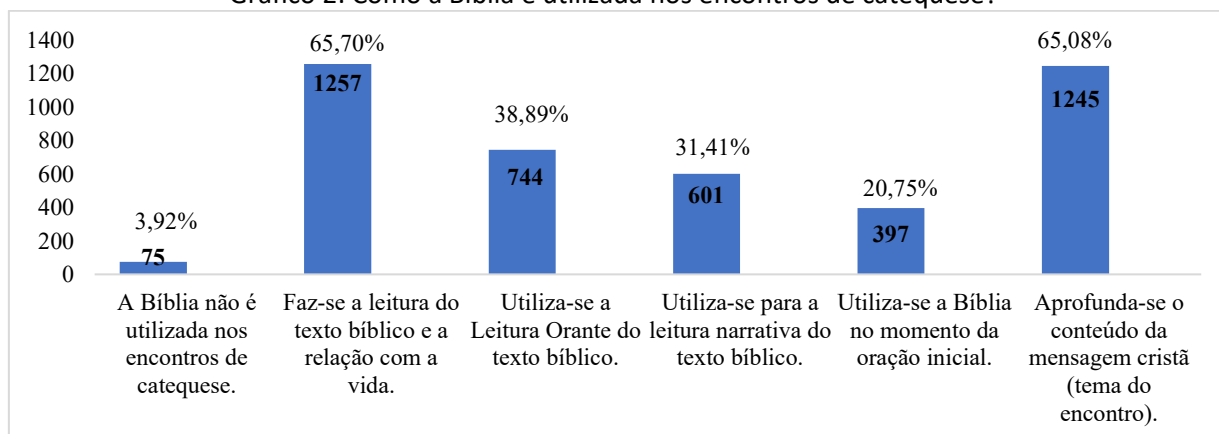
Fonte: Respostas dos Questionários realizados pela Plataforma Survey Monkey

Nota-se que cerca de 86% dos catequistas utilizam a Bíblia como material. Essa pergunta permitia mais de uma resposta. Ao se observar o quantitativo de catequistas que se referiram aos outros tipos de materiais, em especial, os livros de editoras e materiais encontrados na internet, infere-se que, a Bíblia pode não ser o livro central dos encontros de catequese. O que demonstra a falta de unidade entre liturgia e catequese nos encontros e desse modo, a falta de uma experiência profunda com o Verbo encarnado e vivo. Talvez, por ser um questionário que tinha o objetivo de compreender o processo catequético na Arquidiocese, a preocupação em responder que a Bíblia é utilizada como material, devesse apenas ao anseio de se responder de forma correta à pergunta.





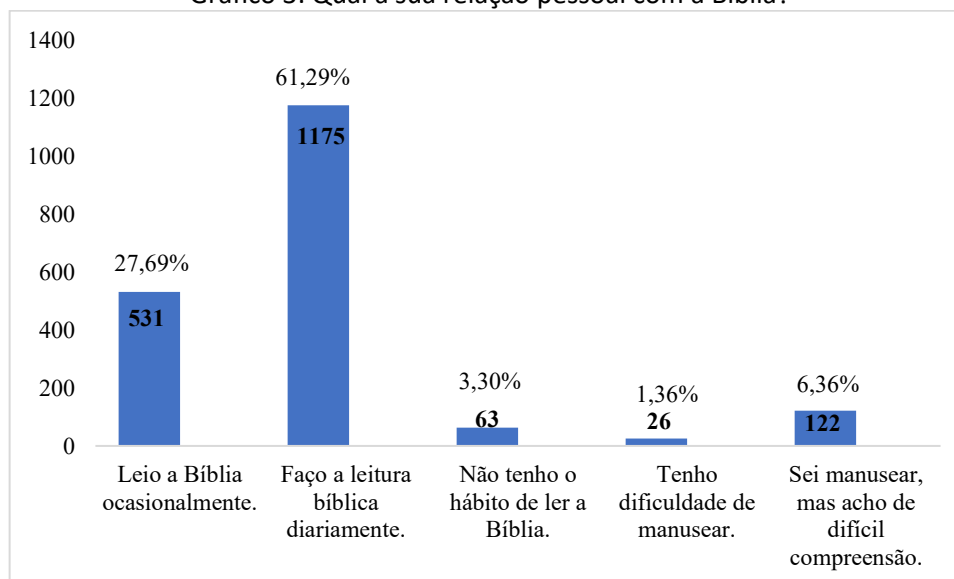
Gráfico 2: Como a Bíblia é utilizada nos encontros de catequese?



Fonte: Respostas dos Questionários realizados pela Plataforma Survey Monkey.

Ao observar as respostas apresentadas no gráfico acima, percebe-se a utilização da Bíblia como texto de leitura que dialoga com o tema a ser desenvolvido no encontro e não como uma mensagem que dá sentido à experiência individual, coletiva, comunitária e profunda com Cristo. Da mesma forma que a questão anterior, era possível marcar mais de uma resposta. E nesse sentido, a Leitura Orante que é por excelência o caminho oportuno para essa experiência, aparece como meio de utilizar para apenas 38,89% dos catequistas, ou seja, menos de 50% dos catequistas.

Gráfico 3: Qual a sua relação pessoal com a Bíblia?



Fonte: Respostas dos Questionários realizados pela Plataforma Survey Monkey.





As respostas à pergunta acima, fornece um dado preocupante sobre a relação íntima dos catequistas com a Bíblia. Apenas 61,29% dos catequistas fazem a leitura diária da Bíblia e o restante, cerca de 39% a fazem ocasionalmente, tem dificuldade em manuseá-la, ou não a fazem. Enquanto catequistas, agentes evangelizadores, que em algum momento foram evangelizados pressupunha-se que a Bíblia fosse parte permanente de sua rotina de vida e oração. Talvez poderia ter sido feito uma pergunta discursiva sobre o papel que a Palavra de Deus teve e ainda tem na vida pessoal e comunitária desse catequista.

As perguntas acabam se alinhavando. Uma corrobora com os dados obtidos na outra. E nesse sentido os desafios que circundam a formação e preparação dos catequistas tornam-se diálogos necessários na Arquidiocese de Goiânia e nas demais dioceses que passam por processos semelhantes.

### Considerações finais

A missão da Igreja é conduzir os fiéis a uma relação viva e transformadora com Deus. Para isso, é necessário redescobrir o valor das mediações — como a Catequese e a Bíblia — como instrumentos que apontam para a comunhão, e não como substitutos dela. A absolutização das mediações, ou sua redução a esquemas humanos e normativos, esvazia o sentido da fé cristã. O desafio pastoral contemporâneo é reencantar o coração humano para a experiência do mistério, promovendo uma fé encarnada, relacional e celebrativa. A Bíblia e a Catequese são dons inestimáveis, mas seu valor pleno se realiza quando cumprem seu papel de *mediações eficazes* para a comunhão viva e pessoal com o Deus Trino. “Conhecer a Jesus é o melhor presente que qualquer pessoa pode receber; tê-lo encontrado foi o melhor que ocorreu em nossas vidas, e fazê-lo conhecido com nossa palavra e obras é nossa alegria” (Documento de Aparecida, 2007, n. 29).

Aos catequistas fica a missão de se encantarem ou reencantarem com a Palavra, Dom de Deus, para que de fato Bíblia e Catequese ultrapassem as barreiras de um conhecimento doutrinal e configurem-se em uma experiência real, pessoal e comunitária de amor com Cristo, que nos envia a fazer ainda mais discípulos de seus ensinamentos.

### Referências

BENTO XVI, Papa. Exortação Apostólica **Deus Caritas Est**. 2. Ed. São Paulo: Paulinas, 2006.





BENTO XVI, Papa. Exortação Apostólica Pós-Sinodal **Verbum Domini**. 3. Ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Bíblia Sagrada: tradução oficial da CNBB. Brasília: CNBB, 2018.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **Diretório Nacional de Catequese**. Brasília: Edições CNBB, 2024.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório Geral para a Catequese**. São Paulo: Loyola, 1998.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE. *Documento de Aparecida*. Brasília, DF: Edições CNBB, 2007.

JOÃO PAULO II, Papa. Exortação Apostólica **Catechesi Tradendae**. Brasília: Edições CNBB, 2024.

PAULO VI, Papa. Constituição Dogmática **Dei Verbum** sobre a Revelação Divina. In: **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II** (1962-1965). São Paulo: Paulus, 1997 (Documentos da Igreja).

SURVEYMONKEY INC. Questionário para Catequistas Censo Catequético Arquidiocese de Goiânia - 2024 [S.d.]. Disponível em: <https://pt.surveymonkey.com/r/CATEQUISTAA>. Acesso em: 07 mai. 2025.

